

Território Ecofeminista: semeando o Estado da Arte

 Fabio Alves Gomes de Oliveira¹,  Karina Soares Bragança²

¹ Universidade Federal Fluminense – UFF. Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS/UFF) e Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN/UFF). Rua Marquês do Paraná, 303, Centro. Niterói – RJ, Brasil. ² Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior - INFES/UFF.

Autor para correspondência/Author for correspondence: fagoliveira@id.uff.br

RESUMO. No presente artigo, o ecofeminismo é apresentado como uma práxis (conjunção entre teoria e prática) a fim de auxiliar na formulação de uma proposta teórico-metodológica que compreenda como as questões ecológicas têm impactado diferentemente as mulheres e outras minorias políticas, bem como permita encaminhamentos que reconheçam os movimentos ecológicos já organizados e protagonizados por mulheres. Para tal, é apresentado as definições de ecofeminismo, com ênfase nas leituras e interpretações de autoras latino-americanas e, se seguida, realizado um levantamento sistematizado em dois bancos de dados diferentes - Scielo e Plataforma Sucupira da CAPES - com o intuito de (1) identificar as tendências acerca da pesquisa sobre ecofeminismo no Brasil e; (2) compreender como elas têm sido trabalhadas e divulgadas a partir das seguintes categorias: área, instituição, ano, região, dissertações de mestrado e/ou teses de doutorado. Ao fim, apresentaremos dados que revelam uma ascensão do debate ecofeminista no Brasil e sua maior incidência na área das Ciências Humanas.

Palavras-chave: estado da arte, ecofeminismo, scielo, plataforma sucupira.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 10	e18745	UFNT	2025	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------



Ecofeminist territory: seeding the State of the Art

ABSTRACT. In this article, ecofeminism is presented as a praxis (a combination of theory and practice) in order to assist in the formulation of a theoretical-methodological proposal that understands how ecological issues have differently impacted women and other political minorities, as well as allowing for approaches that recognize ecological movements already organized and led by women. To this end, definitions of ecofeminism are presented, with an emphasis on the readings and interpretations of Latin American authors, followed by a systematic survey of two different databases—SciELO and Sucupira Platform—with the aim of (1) identifying trends in research on ecofeminism in Brazil and; (2) understand how they have been worked on and disseminated based on the following categories: area, institution, year, region, master's dissertations, and/or doctoral theses. Finally, we will present data that reveal a rise in ecofeminist debate in Brazil and its greater incidence in the area of humanities.

Keywords: state of art, ecofeminism, sciELO, sucupira platform.

Territorio ecofeminista: sembrando el Estado del Arte

RESUMEN. En el presente artículo, el ecofeminismo se presenta como una praxis (conjunción entre teoría y práctica) con el fin de ayudar a formular una propuesta teórico-metodológica que comprenda cómo las cuestiones ecológicas han impactado de manera diferente a las mujeres y otras minorías políticas, y que permita orientaciones que reconozcan los movimientos ecológicos ya organizados y protagonizados por mujeres. Para ello, se presentan las definiciones de ecofeminismo, con énfasis en las lecturas e interpretaciones de autoras latinoamericanas, y a continuación se realiza un estudio sistematizado en dos bases de datos diferentes, Scielo y Sucupira, con el fin de (1) identificar las tendencias en la investigación sobre ecofeminismo en Brasil y (2) comprender cómo se han trabajado y difundido a partir de las siguientes categorías: área, institución, año, región, disertaciones de maestría y/o tesis de doctorado. Al final, presentaremos datos que revelan un auge del debate ecofeminista en Brasil y su mayor incidencia en el área de las Ciencias Humanas.

Palabras clave: estado del arte, ecofeminismo, scielo, plataforma sucupira.

Introdução

Há alguns anos inúmeros relatórios têm apontado para o fato das mulheres e outras minorias representativas politicamente serem desproporcionalmente mais afetadas pelas alterações climáticas em níveis locais e globais. Segundo o documento “A dimensão de gênero no Big Push para a sustentabilidade no Brasil: as mulheres no contexto da transformação social e ecológica da economia brasileira”, publicado em 2021, mulheres negras, indígenas, quilombolas, periféricas, pobres e corpos feminizados estão mais expostos aos efeitos ambientalmente negativos. Ao mesmo tempo, a participação de mulheres e grupos feministas no campo das discussões ambientais, especialmente na agenda climática, tem crescido significativa. Segundo os dados do documento “justiça climática feminista: um modelo de ação”, publicado em 2023 pela ONU Mulheres, o número de mulheres em delegações nacionais para as conferências climáticas aumentou de 30% para 35% entre 2012 e 2022.

Diante desse cenário, buscamos organizar algumas atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre a discussão de gênero e ecologia no âmbito da licenciatura interdisciplinar em educação do campo da Universidade Federal Fluminense (UFF), campus Santo Antônio de Pádua. Dessas iniciativas, surgiram disciplinas optativas sobre o tema do ecofeminismo, bem como a solicitação de fomento para pesquisas de iniciação científica sobre o tema, organização de cine debates, produção de cartilhas, oficinas, grupo de estudos etc. Dessa movimentação, observou-se a necessidade de construir um panorama do debate, que aqui neste artigo se apresenta no que chamaremos de “Estado de Arte Ecofeminista”.

Sendo assim, neste artigo apresentaremos definições do ecofeminismo a partir de algumas autoras consideradas centrais para o pensamento ecofeminista para, em seguida, realizar um levantamento sistematizado em dois bancos de dados diferentes (SciELO e Plataforma Sucupira da CAPES) com o intuito de identificar alguns marcos e tendências da pesquisa sobre o tema no Brasil. A partir desta pesquisa, objetivamos sistematizar e analisar como e onde os trabalhos sobre a temática ecofeminista vêm sendo produzidos no Brasil para, então, compreender como tais produções têm sido trabalhadas e divulgadas a partir das seguintes categorias: área, instituição, ano, região, mestrado e/ou doutorado. Ao final,

apresentaremos algumas análises preliminares do que chamaremos de “Estado da Arte Ecofeminista” no Brasil até o ano de 2022.

O que é Ecofeminismo?

Conceituado, definido e sistematizado na década de 1974 no livro da pensadora francesa Françoise d’Eaubonne, “*Le féminisme ou la mort*”, o ecofeminismo vem sendo pautado dentro dos movimentos de mulheres e ecológicos como um caminho fundamental para a preservação da natureza e da vida das mulheres, bem como de novas formas de interação com o mundo. Destaca-se que a tradução da obra de Françoise d’Eaubonne foi publicada apenas recentemente, por iniciativa da editora Bazar do Tempo; tradução essa realizada por Anna Magdalena Machado Bracher. Antes dessa mais recente edição em português, contávamos apenas com as edições em francês e inglês da obra.

Segundo as autoras Myriam Bahaffou e Julie Gorecki no prefácio da reedição da referida obra, publicada em 2020 - em meio à pandemia da Covid-19 -, as discussões e autoras ecofeministas merecem destaque diante da urgência climática e seus efeitos devastadores (Bahaffou & Gorecki, 2020). Para elas:

por *clima* não nos referimos aos simples dados científicos segundo os quais estamos testemunhando ao aquecimento global; é antes de tudo um ponto de virada história em que pela primeira vez *os exploradores no topo preferiam [o lucro] às suas próprias vidas* (Bahaffou & Gorecki, 2020, p. 7. Tradução nossa).

Myriam Bahaffou e Julie Gorecki destacam, ainda, que o ecofeminismo possibilita lançar uma crítica feminista ao uso do conceito “antropoceno”, que segundo elas, estabelece uma responsabilidade coletiva sem evidenciar quem são, efetivamente, os “responsáveis” pelos efeitos climáticos que acometem principalmente uma parcela da população, dentre as quais se encontram as mulheres (Bahaffou & Gorecki, 2020). Deste modo, as autoras sugerem, ao lado de Françoise d’Eaubonne a adoção do termo “androceno”, evidenciando que:

se os ecossistemas forem destruídos, se os refugiados climáticos aumentarem, se a sexta extinção em massa for comprovada, não é culpa de uma humanidade indeterminada, mas bem, de um pequeno grupo de governantes, sociedades e nas condições patriarcal-capitalistas que dela resultam (Bahaffou & Gorecki, 2020, p. 8. Tradução nossa).

Desta maneira, é possível destacar que, desde a proposição do termo “ecofeminismo” nos escritos de d’Eaubonne, estabeleceu-se uma tentativa de diagnosticar metodologicamente como a natureza – e os efeitos resultantes do modo exploratório como nos relacionamos com ela – tem sido enquadrada dentro de um paradigma patriarcal que se retroalimenta dos motores abusivos de um capitalismo insustentável. Destacar o aspecto patriarcal de um capitalismo antiecológico faz com que pensadoras ecofeministas contemporâneas, como é o caso de Alicia Puleo, chamem a atenção para o fato de as mulheres formarem o grupo majoritário em movimentos sociais ambientais e em defesa dos animais (Puleo, 2017; Possebon et al., 2022). Tal fato, segundo Alicia Puleo (2017), não se dá em razão de uma chave de leitura essencialista, para a qual as mulheres seriam biologicamente mais próximas da natureza e, por isso, se identificariam com tais lutas e preocupações, mas em razão de historicamente terem sido alijadas de espaços outros que não aqueles destinados ao cuidado e ao zelo (Possebon et al., 2022). Isso explicaria, segundo Puleo, o protagonismo das mulheres no encaminhamento de agendas ecológicas atentas e mais adequadas ao enfrentamento dos problemas ecológicos que atualmente abalam grupos sociais em territórios vulnerabilizados ao redor do mundo.

Com o intuito de reconhecer a força de denúncia e projetar caminhos ecofeministas, Bahaffou e Gorecki defendem a “necessidade de abalar a epistemologia eurocêntrica que ainda prevalece em grande parte de nossas universidades” (Bahaffou & Gorecki, 2020, p. 10. Tradução nossa). Para as autoras, é preciso “fragmentar as dicotomias que serviram separar a humanidade da natureza, mas também questionar outros dualismos – heterossexual/queer, branco/racializado, Norte/Sul” (Bahaffou & Gorecki, 2020, p. 10. Tradução nossa).

Por essa razão, autoras e autores têm apontado para a necessidade de queerificar o ecofeminismo (Gaard, 2011; Gabriel, 2011; Rosendo, 2017), bem como propor a sua descolonização (Bottici, 2021; Oliveira; Gabry, 2021) como forma de evidenciar os outros dualismos de dominação que compõem as injustiças socioambientais decorrentes do modelo econômico e do paradigma de pensamento monocultural (Shiva, 2003) que se estabelece no capitalismo ocidentalizado.

Desta maneira, adotando tais paradigmas críticos, o ecofeminismo seria, nas palavras de Emma Siliprandi:

uma proposta valorizada dentro dos movimentos de mulheres e dos movimentos ecológicos, colocando em pauta a questão da dominação da natureza pelos seres humanos da mesma forma como os homens historicamente dominavam as mulheres e como a superação dessas

questões, para essa corrente de pensamento, teria que ocorrer de forma interligada (Siliprandi, 2007, p. 847).

O ecofeminismo, deste modo, poderia ser compreendido enquanto uma teoria, uma metodologia e, também um movimento social. Ou seja, o ecofeminismo como uma práxis interseccional (Rosendo et al., 2019).

Neste sentido, é possível afirmar que o ecofeminismo evidencia o reconhecimento do papel das mulheres de diversas partes do mundo no protagonismo das lutas de preservação e conservação da terra, dando destaque às pautas ligadas diretamente às questões de saúde e alimentação não só de suas comunidades, mas do ecossistema como um todo.

Dessa forma, as ecofeministas têm contribuído sobremaneira para uma reflexão profunda sobre os modos de produção e os efeitos dos mesmos sobre a natureza como um todo e os danos sobre a soberania alimentar e segurança nutricional em especial. Da mesma maneira, autoras como Vandana Shiva observam que, “a agricultura e as atividades relacionadas são a fonte mais importante de sustento das mulheres do terceiro mundo.” (Shiva, 1993, p. 371). Ou seja, a preocupação com a natureza e com os modos de produção agroecológicos são prioridades para a agenda da soberania e autonomia de boa parte dos grupos vulneráveis, dentre os quais se incluem as mulheres do Sul Global, um dos grupos mais afetados pela fome.

Por essa razão, segundo Cris Faustino,

Os agravos nas vulnerabilidades pelo acúmulo dos conflitos e pelo aumento dos riscos de violência não tem intimidado as comunidades tradicionais e os povos. A ação popular também tem gerado importantes reações, como o fortalecimento da afirmação das economias e dos modos de vida comunitários, que podem ser inclusive, situados como referências para a sociedade. Aqui, é importante citar o intenso trabalho das mulheres, que quase sempre estão nas frentes das lutas “no chão” e assumem um papel central na gerência da vida cotidiana e na vida política. Apesar disso, elas continuam entre as parcelas mais invisibilizadas e desconsideradas da sociedade no que se relaciona aos conflitos e às políticas ambientais. (Faustino, 2020, p. 33-34).

Segundo a jornalista Tereza Romero em matéria publicada no site A Gazeta, durante a COP26, que ocorreu no mês de outubro no ano de 2021, as mudanças climáticas afetam de forma desproporcional as mulheres. Na ocasião, o presidente da conferência, Alok Sharma, afirmou que as mulheres “correspondem a 80% dos deslocados por desastres e mudanças climáticas em todo o mundo.” (Gazeta, 2022)ⁱ, ou seja, as mulheres são um dos grupos – senão o maior – mais afetado pelo desbalanço climático que hoje acomete diferentes países, em especial aqueles que possuem menos estruturas para lidar com tais desafios: os países

mais pobres. Sendo assim, pode-se concluir que as mulheres de países mais empobrecidos são as mais vulneráveis às alterações climáticas e às decisões políticas que frequentemente negligenciam as vozes das mulheres nas decisões sobre o futuro do planeta.

Nesse sentido, o Ecofeminismo torna-se pauta fundamental para pensar o debate contemporâneo acerca da justiça climática e sua íntima associação com os debates de gênero, raça, etnia, território e direitos básicos de forma mais ampla. Logo, torna-se parte da agenda socioambiental de vertente ecofeminista pensar formas alternativas aos modos de expropriação e exploração capitalista da natureza e, conseqüentemente, encaminhar formas de produção que superem os danos, muitos deles irreversíveis, socioambientaisⁱⁱ, sociorraciais e sociossexuais em curso.

Por essa razão, Faustino destaca que

É importante citar o intenso trabalho das mulheres, que quase sempre estão nas frentes das lutas “no chão” e assumem um papel central na gerência da vida cotidiana e na vida política. Apesar disso, elas continuam entre as parcelas mais invisibilizadas e desconsideradas da sociedade no que se relaciona aos conflitos e às políticas ambientais. (Faustino, 2020, p. 33-34).

Neste trabalho iremos nos unir ao movimento ecofeminista através do levantamento dos trabalhos atualmente disponíveis em banco de dados (até o ano de 2022). Com isso, objetivamos compreender como o presente debate vem sendo desenvolvido nas universidades brasileiras.

Antes de prosseguirmos, compensa destacar que um movimento semelhante de sistematização de trabalhos feministas foi publicado no artigo intitulado *O ecofeminismo como perspectiva em pesquisas científicas* (Candido et al., 2022). O referido trabalho concentrou-se, entretanto, em analisar exclusivamente 11 artigos científicos coletados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Diferentemente do banco de dados analisado por Candido et al. (2022), o presente trabalho buscará analisar os bancos de dados da Scielo e Plataforma Sucupira da CAPES, respectivamente.

Compreendendo o Estado da Arte

O “Estado da Arte” tem como sua principal característica mapear e catalogar pesquisas acadêmicas de cunho científico, a fim de organizar e classificar trabalhos publicados em

programas de Pós-Graduação, o que não só facilita o conhecimento de tais trabalhos, como a divulgação de revistas e programas que neles são publicados.

Como traz a autora Norma Sandra, essas pesquisas de estado da arte

... Também são conhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado ... (Sandra, 2002, p. 258).

Ainda, segundo Sandra (2002, p. 261), “os catálogos permitem o rastreamento do já construído, orientam o leitor na pesquisa bibliográfica de produção de uma certa área”. Logo, o estado da arte um oportuno contato do leitor com o que vem sendo desenvolvido sobre certo tema de maneira objetiva e sistematizada, aliado indispensável na construção de novos métodos científicos.

Sendo assim, pesquisas denominadas de “estado da arte” estão presentes nas práticas metodológicas, a fim de contribuir na construção teórica e prática nas áreas pedagógicas. Assim, torna-se possível compreender produções realizadas em instituições de Pós-graduação, mais resumidamente teses de Doutorado, dissertação de Mestrado, artigos em periódicos e publicações em anais de eventos, possibilitando explorar as ênfases e temas abordados nessas pesquisas.

É importante ressaltar que esses dados coletados por meio dos “estados da arte” possibilitam uma vasta rede de conhecimento sobre determinado assunto para, então, realização de análise, fazendo-se muito presente nas construções de pesquisas e imprescindíveis para o caminhar e o compartilhamento das pesquisas, bem como fornecer um panorama das mesmas.

O Estado da Arte ecofeminista

Diante da importância e do sentido do estudo denominado “estado da arte”, neste trabalho possuímos como principal objetivo apresentar o estado da arte das produções sobre o ecofeminismo. Para tal, a busca realizada se deu em duas plataformas diferentes, a saber: Scielo e Plataforma Sucupira da CAPES, durante os anos de 1999 a 2022. A partir de uma busca utilizando o termo “ecofeminismo”, procuramos identificar como tal conceito tem sido incorporado em trabalhos científicos nas duas referidas bases de dados.

Neste levantamento preliminar foram encontrados, ao todo, quarenta e quatro trabalhos, incluindo: artigos, Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado publicadas em Programas

de Pós-Graduação e Revistas de divulgação científica. A partir desse levantamento, observou-se, em linhas gerais, que ao longo dos últimos 23 anos, ano após ano, publicações em torno do “ecofeminismo” vêm sendo desenvolvidas e publicadas gradativamente, ou seja, com uma evidente tendência de crescimento.

Ao final, revelou-se através deste estudo que o chamado “Estado da Arte Ecofeminista” que o ecofeminismo tem se tornado, pouco a pouco, um tema em ascensão no Brasil, conforme os dados a seguir confirmam. Ao mesmo tempo, se comparado a outros temas e perspectivas que abordam questões ambientais, ainda se trata de uma abordagem tímida no cenário nacional. Entretanto, não caberá a este trabalho realizar um estudo comparativo.

- Scielo

Abaixo, encontra-se a listagem de publicações encontradas na Base de Dados Scielo, sob a termo “ecofeminismo”. Na tabela a seguir, os quinze (15) trabalhos encontrados foram organizados em ordem alfabética de autoria, conforme é possível observar. Do total de artigos científicos, treze (13) são originalmente escritos em português, um (1) em espanhol e um (1) em inglês:

Tabela 1 – Ecofeminismo no Scielo (até 2022)

Nome do(a) autor(a)	Título do artigo	Periódico/Artigo	País	Idioma	Ano	Tipo de Literatura
Afonso Murad	Hermenêutica Ecofeminista e Ecoteologia. Interfaces.	Perspectiva Teológica	Brasil	Português	2021	Ciências Humanas
Andréa Osório	Ecofeminismo, Teorias do Care e as Críticas a Protetoras de Animais de Rua	Revistas Estudos Feministas	Brasil	Português	2018	Ciências Humanas
Alice Gabriel	Ecofeminismo e Ecologia Queer: Uma Apresentação	Revistas Estudos Feministas	Brasil	Português	2011	Ciências Humanas
Bárbara Nascimento Flores; Salvador Dal Pozzo Trevizan	Ecofeminismo e Comunidade Sustentável	Revistas Estudos Feministas	Brasil	Português	2015	Ciências Humanas
Catriona Mortimer-Sandilands	Paixões Desnaturadas? Notas Para uma Ecologia Queer	Revistas Estudos Feministas	Brasil	Português	2011	Ciências Humanas

Denise Machado	Catadoras de Caranquejo e Sabares Tradicionais na Conservação de Manguezais da Amazônia Brasileira	Revistas Estudos Feministas	Brasil	Português	2007	Ciências Humanas
Eugenia Perona	La transformación tecnológica del sector agropecuario en la provincia de Córdoba y sus repercusiones sobre la mujer y la familia rural: its effects on women and rural families	Revistas Estudos Feministas	Brasil	Espanhol	2012	Ciências Humanas
Greta Claire Gaard	Rumo ao Ecofeminismo Queer	Revistas Estudos Feministas	Brasil	Português	2011	Ciências Humanas/ Saúde
Gabriel Schunk Pereira	The Death of Nature Quarenta Anos Depois: As Contribuições Para o Ecofeminismo e a Historiografia da Ciência	História, Ciências, Saúde- Manguinhos	Brasil	Português	2020	Ciências Humanas
Isabella Lamas; Stefania Barca; Bernadete Souza Ferreira; Ivonne Yanez	Ecofeminist Horizons	Ambiente & Sociedade	Brasil	Inglês	2021	Multidisciplinar
Jhader Cerqueira do Carmo; Mônica de Moura Pires; Guilhardes de Jesus Junior; Aniram Lins Cavalcante; Salvador Dal Pozzo Trevizan	Voz da Natureza e da Mulher na Resex de Canavieiras-Bahia-Brasil: Sustentabilidade e Ambiental e de Gênero na Perspectiva do Ecofeminismo	Revistas Estudos Feministas	Brasil	Português	2016	Ciências Humanas/ Saúde
Mariana Pereira Penteadó	O Futuro é Feminino (e anticapitalista): A narrativa cli-fi Escrita Por Mulheres	Revistas Estudos Feministas	Brasil	Português	2022	Ciências Humanas/ Saúde
Maria Clara Lucchetti Bingemer	A Vivente Que Gera Vida: Analogia Entre o Corpo Feminino E os Mistérios Da Criação	Perspectiva Teológica	Brasil	Português	2021	Ciências Humanas/ Saúde
Maria Clara Dias	A Perspectiva dos Funcionamentos: Um Olhar Ecofeminista Decolonial	Revista Direito E Práxis	Brasil	Português	2018	Ciências Sociais Aplicadas

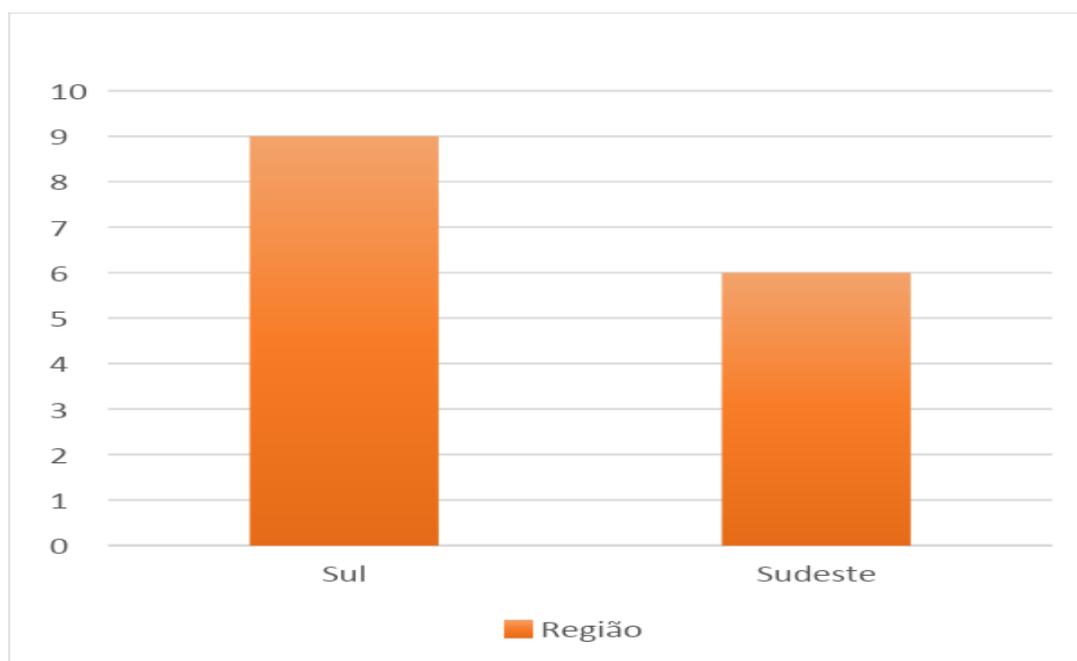
Regina Carmela; Marta de Araújo Pinheiro	Ecopsicossociologia: Abordagens Ecofeministas da Pesca Artesanal	Fractal: Revista de Psicologia	Brasil	Português	2019	Ciências Humanas/ Saúde

Fonte: Base de Dados Scielo. Elaborado pelos autores.

- Scielo por região

Conforme observamos no gráfico abaixo, os quinze (15) artigos encontrados estão concentrados em publicações situadas em Revistas Científicas de apenas duas (2) regiões do país: Sul e Sudeste, sendo nove (9) publicações em Revistas Científicas associadas a Instituições localizadas no Sul do Brasil e seis (6) localizadas em Instituições do Sudeste:

Gráfico 1 – Ecofeminismo no Scielo por região (até 2022)



Fonte: Base de Dados Scielo. Elaborado pelos autores.

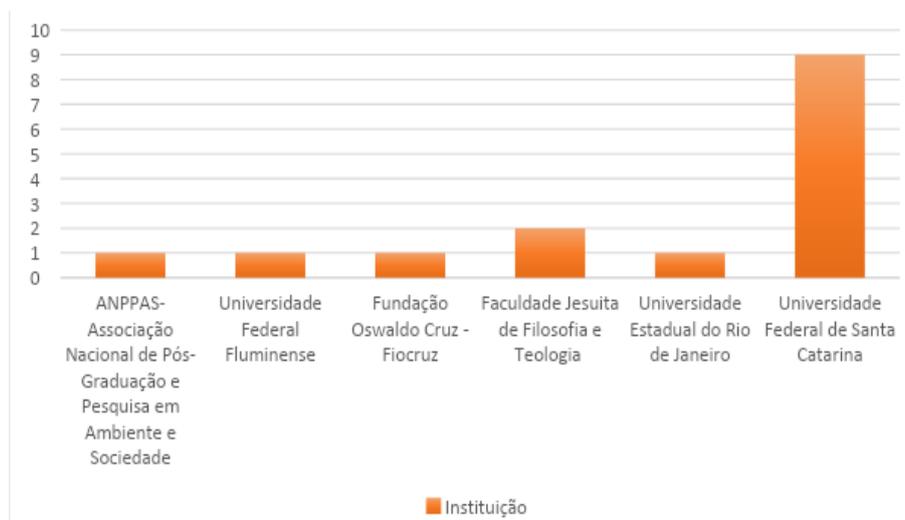
- Scielo por instituição

Seguindo e aprofundando o recorte das produções por região, buscamos identificar a concentração de artigos por instituições. Observamos que, dos quinze (15) artigos encontrados, as revistas científicas em que a discussão ecofeminista tem sido difundida se

encontram restritas a seis (6) instituições, sendo a grande maioria dos trabalhos publicados na Revista de Estudos Feministas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Destas seis (6) instituições de ensino, apenas uma é de categoria privada, fazendo com que as demais sejam de instituições públicas de cunho federal no Brasil:

Gráfico 2 – Ecofeminismo no Scielo por instituição (até 2022)

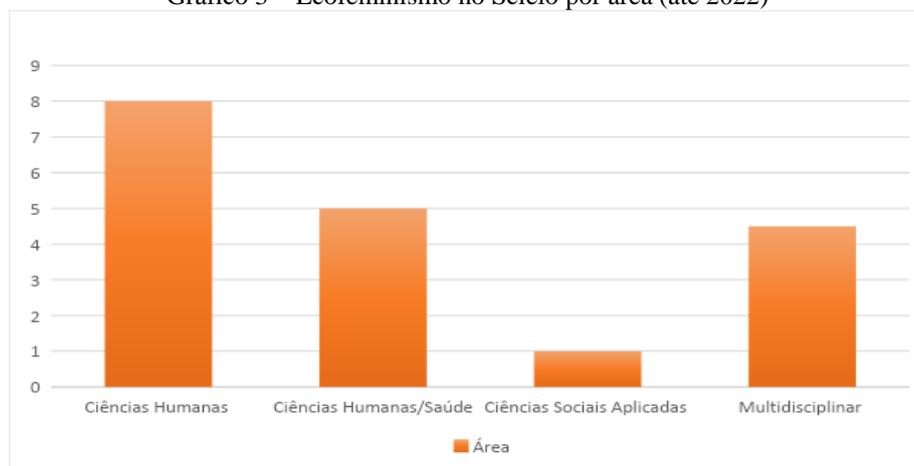


Fonte: Base de Dados Scielo. Elaborado pelos autores.

- Scielo por área

No recorte por área, observamos uma predominância dos artigos sobre ecofeminismo publicados no âmbito das Ciências Humanas, sendo essa responsável pelo total de oito (8) publicações das quinze (15) encontradas:

Gráfico 3 – Ecofeminismo no Scielo por área (até 2022)



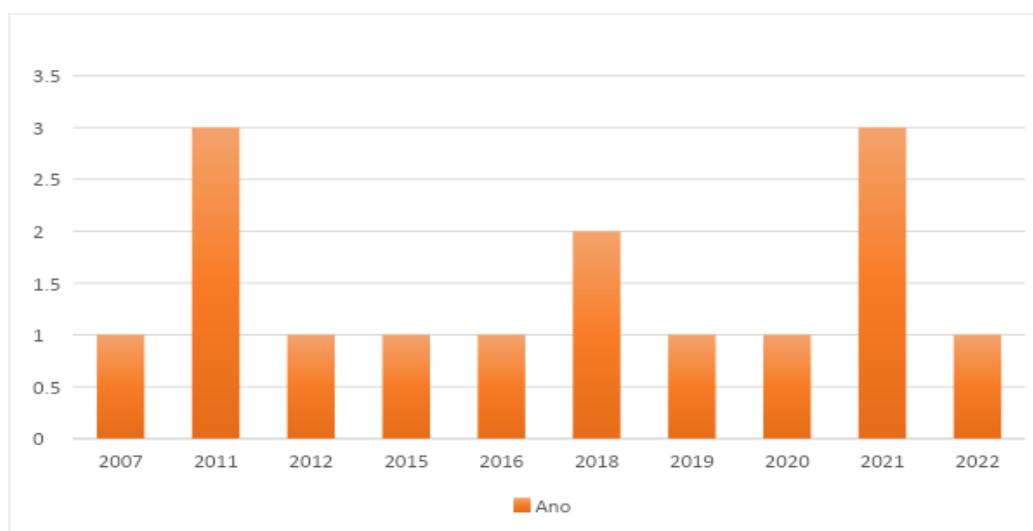
Fonte: Base de Dados Scielo. Elaborado pelos autores.

- Scielo por ano

No recorte por ano, notamos um crescente avanço de publicações a partir de 2018, com uma predominância de produções entre o período de 2001 e 2021, no qual quinze (15) artigos são encontrados.

Observa-se que, apesar do levantamento ter se iniciado em 1999, apenas em 2007 encontramos o primeiro artigo publicado indexado na Base de Dados Scielo:

Gráfico 4 – Ecofeminismo no Scielo por ano (até 2022)



Fonte: Base de Dados Scielo. Elaborado pelos autores.

- Plataforma Sucupira da CAPES

Abaixo, encontra-se a listagem de publicações encontradas na Plataforma Sucupira da CAPES, sob a palavra-chave “ecofeminismo”. Na tabela a seguir, os vinte e nove (29) trabalhos encontrados foram organizados em ordem alfabética de autoria, conforme é possível observar.

Tabela 2 – Ecofeminismo na Plataforma Sucupira da CAPES (até 2022)

Nome do(a) Autor(a)	Mestrado ou Doutorado	Título da Dissertação ou Tese	Instituição de Ensino	Programa de Pós-Graduação	Ano de Publicação	Área de Avaliação
Ana Luiza Bazzo Da Rosa	Mestrado	O feminismo animalista e(m) suas humanas festas	Universidade Federal de Santa Catarina	Literatura	2018	Linguística e Literatura

Ana Carolina Chizzolin Alves	Mestrado	Ecofeminismo e Modernidade: Uma análise da Espiritualidade Ecológica do grupo conspirando em Santiago do Chile -	Universidade Metodista de São Paulo	Ciências da Religião	2006	Filosofia/Teologia: Submissão Teologica
Antonio Carlos Teles da Silva	Doutorado	O Ethos Cultural Amazônico Em Dalcídio Jurandir Aportes Para uma Teologia Amazônica	Escola Superior de Teologia	Teologia	2010	Filosofia/Teologia: Submissão Teologica
Ana Maria Soares da Silva	Mestrado	Educação Ambiental Não-Formal: avaliação de uma experiência com mulheres pobres, em Pelotas	Universidade Federal do Rio Grande	Educação Ambiental	2001	Educação
Barbara Nascimento Flores	Mestrado	Ecovilas e Ecofeminismo: A Sustentabilidade Ambiental Em Piracanga/Maraú-BA	Universidade Estadual de Santa Cruz	Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente	2013	Ciências Ambientais
Barbara Nascimento Flores	Doutorado	Ecofeminismo e Sustentabilidade Ambiental Em Comunidades Indígenas e Ecovilas	Universidade Estadual de Santa Cruz	Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente	2018	Ciências Ambientais
Cerés Ferreira Carneiros	Mestrado	Mulheres Ribeirinhas de Calama-RO: Gênero, Ecofeminismo e Políticas Públicas	Universidade Federal de Rondônia	Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente	2007	Interdisciplinar

Christine Storey	Doutorado	Representações Sociais e Meio Ambiente: Participação De Um Grupo De Mulheres No Planejamento De Uma Intervenção De Educação Ambiental Popular Urbana Em Manaus Amazona	Universidade Federal de São Carlos	Ecologia	2003	Ecologia e Meio Ambiente
Elaine Cristina Raposo dos Santos	Mestrado	O Lugar do Corpo em Arriete Vilela: Um Estudo Sobre Lãs as Vento e Fantasia e Averso	Universidade Federal de Alagoas	Letras e Linguísticas	2008	Letras/Linguísticas
Emma Cademartori Siliprandi	Doutorado	Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar	Universidade de Brasília	Desenvolvimento Sustentável	2009	Interdisciplinar
Fabio Lucio Antunes S Guedes	Mestrado	Dietética Natural: mulheres, ecologismo e espiritualidade na cozinha da Nova Era	Universidade Federal da Paraíba	Antropologia	2015	Antropologia/Arqueologia
Isabela Noronha	Mestrado	Entre o solo e a terra: mulheres inseridas em experiências de agroecologia no MST	Universidade Estadual de Campinas	Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	2018	Interdisciplinar
Jaci de Fatima Souza Candioto	Doutorado	A Teologia feminista e seus giros hermenêuticos: Reinterpretações de Deus, do ser humano e da criação	Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro	Teologia	2012	Filosofia/Teologia: Submissão Teologica

Jara Lourenço Da Fontoura	Doutorado	Ecocomunidade e Ação Socioambiental: Teoria e Prática Num Estudo De Caso Junto à Comunidade São Gonçalo Pelotas-RS-Brasil	Universidade Federal do Rio Grande	Educação Ambiental	2010	Educação
José Antonio Cavalcanti	Doutorado	Deslimite De Prosa Ficcional Em Hilda Hist: uma leitura de "Fluxo", estar sendo. Ter sido, Tu não te moves de ti e A obscena senhora D	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Letras (Ciências da Literatura)	2010	Letras/Linguística
Marcela Leite Medina	Mestrado	O Secreto Bailado Do Mar: uma leitura de No Tempo Dividido e Mar Novo de Sophia de Mello Breyner Andresen	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Letras (Ciência da Literatura)	2010	Letras/Linguística
Marcelo Pereira Machado	Doutorado	Experiências Criativas De Ressignificação Em Hilda Hist: Uma perspectiva ecofeminista	Universidade Federal de Juiz de Fora	Letras: Estudos Literários	2017	Linguística e Literatura
Maria Bernadete Réis Maia	Doutorado	Pescadoras de Baneirinha (AM): conquistando direitos e resignando mitos	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Sociologia	2015	Sociologia
Maximiliano Gomes Torres	Doutorado	Literatura e Ecofeminismo: uma abordagem de A força do destino, de Nérida Piñon e As doze cores do vermelho, de Helena Cunha	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Letras (Ciências da Literatura)	2009	Letras/Linguística

Michelle Cerqueira Cesar Tambosi	Mestrado	Uma Leitura Ecocrítica De A Maçã No Escuro	Universidade Estadual de Maringá	Letras	2017	Linguística e Literatura
Osmar Dos Santos Goncalves	Doutorado	A alma ao nível da terra": (Ressonâncias do "Amém" na poesia de Cecília Meireles)	Universidade e Federal do Rio de Janeiro	Letras (Ciências da Literatura)	2012	Letras/Linguística
Patricia Santos Machado	Mestrado	A Mulher além do bem e do mal: Malévola e a representação cinematográfica do feminino integrado	Universidade Metodista de São Paulo	Comunicação Social	2016	Comunicação e Informação
Patricia Strauss Riemenschneider	Mestrado	Maternidade, Consumo e Sustentabilidade Sob A Ótica Ecofeminista	Universidade de Caxias do Sul	Direito	2016	Direito
Priscilla Menezes De Faria	Doutorado	O feminino mal-dito como abertura ao pensamento poético	Universidade e do Estado do Rio de Janeiro	Artes	2018	Artes
Raquel Cristina Pereira Duarte	Mestrado	O Ecofeminismo E A Luta Pela Igualdade DE Gênero: Uma Análise À Luz Da Teoria Bidimensional De Justiça	Universidade de Caxias do Sul	Direito	2015	Direito
Regina Célia Di Ciommo	Doutorado	Ecofeminismo e Complexidade	Universidade Est.Paulista Júlio De Mesquita Filho	Sociologia	2018	Sociologia
Sandra Duarte de Souza	Doutorado	Teo(a)logia, Ética e Espiritualidade Ecofeminista. Uma Análise do Discurso.	Universidade Metodista de São Paulo	Ciências da Religião	1999	Filosofia/Teologia: Submissão Teológica
Sílvo Lúcio Machiotti Baptista	Mestrado	A teologia feminista de Ivone Gebara: A mulher empobrecida, o sagrado e a ecologia	Universidade e Federal de Juiz de Fora	Ciência da Religião	2003	Filosofia/Teologia: Submissão Teológica

Valdete Boni	Doutorado	De Agricultoras a Camponesas: O Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina e suas práticas	Universidad e Federal de Santa Catarina	Sociologia Política	2012	Sociologia
--------------	-----------	--	---	---------------------	------	------------

Fonte: Plataforma Sucupira da CAPES. Elaborado pelos autores.

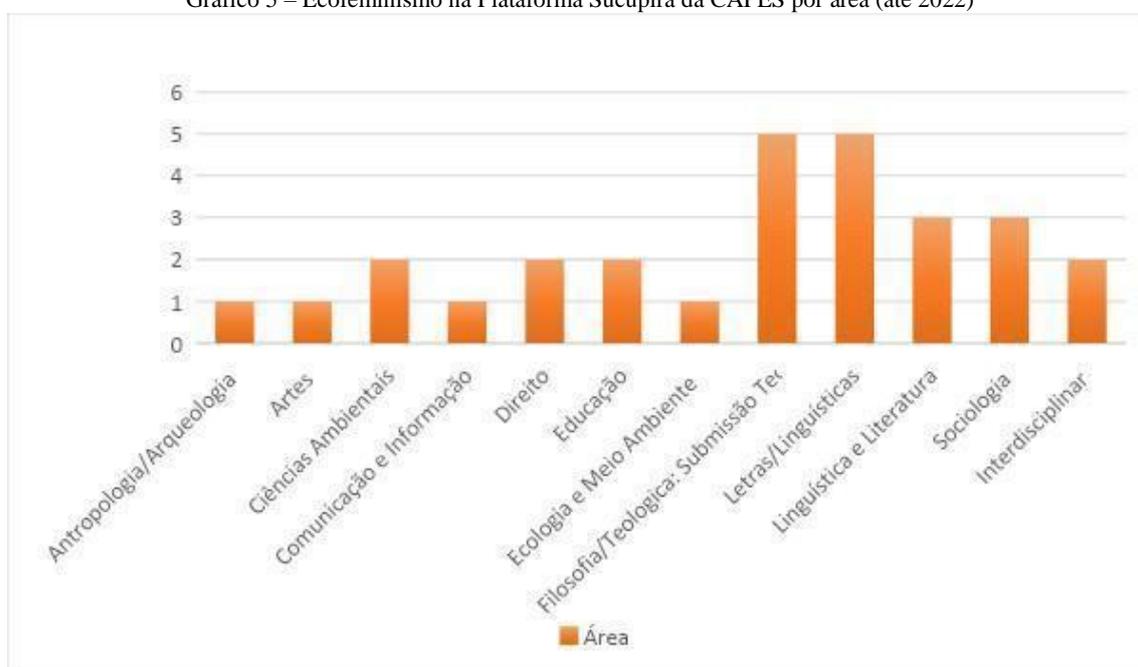
- Plataforma Sucupira da CAPES por área

No recorte por área, observamos uma predominância dos trabalhos sobre ecofeminismo publicados em dois âmbitos diferentes:

A primeira na Área de Filosofia/Teologia: Subcomissão Teológica, responsável por cinco (5) das publicações feitas; e a segunda voltada para a área de Letras/Linguísticas, sendo essa responsável pelo total de cinco (5) publicações das vinte e nove (29) encontradas.

Na área Educação, foram encontradas apenas duas (2) publicações.

Gráfico 5 – Ecofeminismo na Plataforma Sucupira da CAPES por área (até 2022)

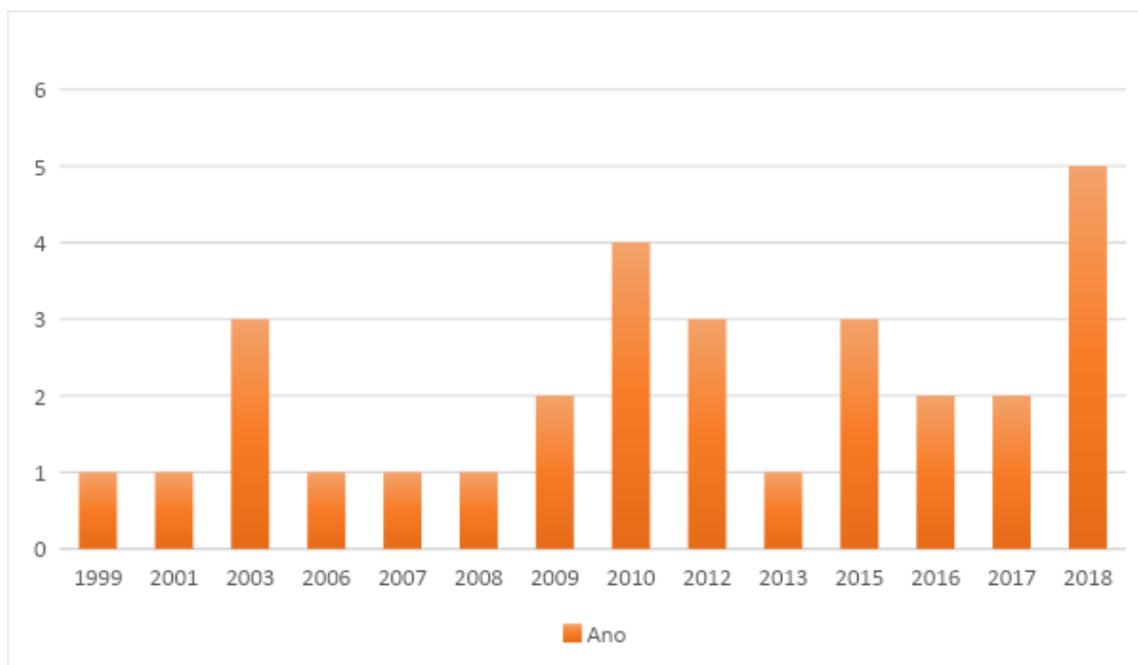


Fonte: Plataforma Sucupira da CAPES. Elaborado pelos autores

- Plataforma Sucupira da CAPES por ano

No recorte por ano, notamos um crescente avanço de publicações a partir do ano de 2010, com uma predominância de publicação nos anos de 2018, em que cinco (5) dos vinte e nove (29) trabalhos encontrados foram publicados:

Gráfico 6 – Ecofeminismo na Plataforma Sucupira da CAPES por ano (até 2022)



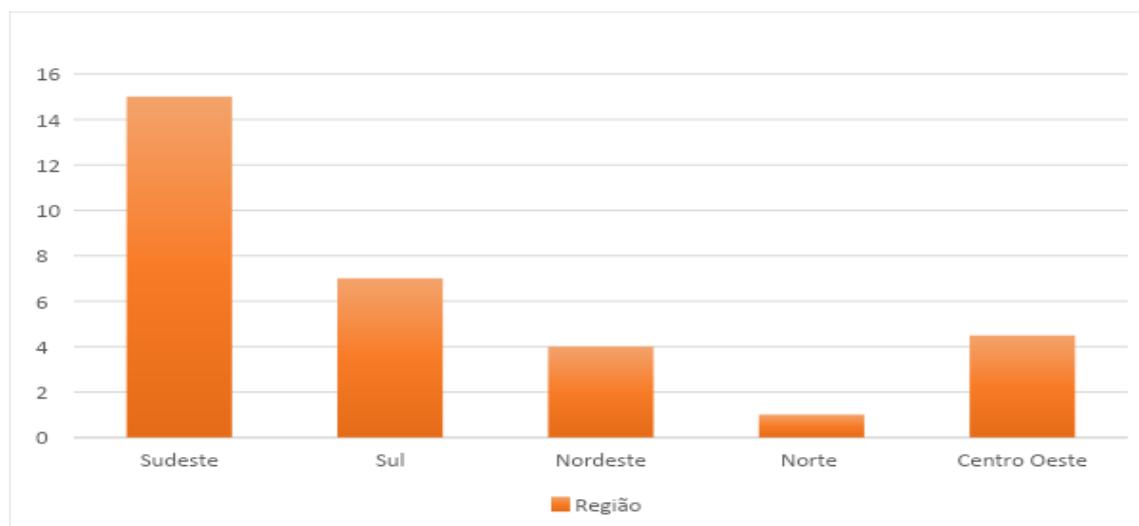
Fonte: Plataforma Sucupira da CAPES. Elaborado pelos autores

- Plataforma Sucupira da CAPES por região

Conforme observamos no gráfico abaixo, os vinte e nove (29) trabalhos encontrados foram, majoritariamente, na região Sudeste do Brasil (14).

Depois, na região Sul, compreendendo o total de seis (6) publicações, acompanhando, portanto, o universo que também se expressou na Base de Dados Scielo:

Gráfico 7 – Ecofeminismo na Plataforma Sucupira da CAPES por área (até 2022)



Fonte: Plataforma Sucupira da CAPES. Elaborado pelos autores

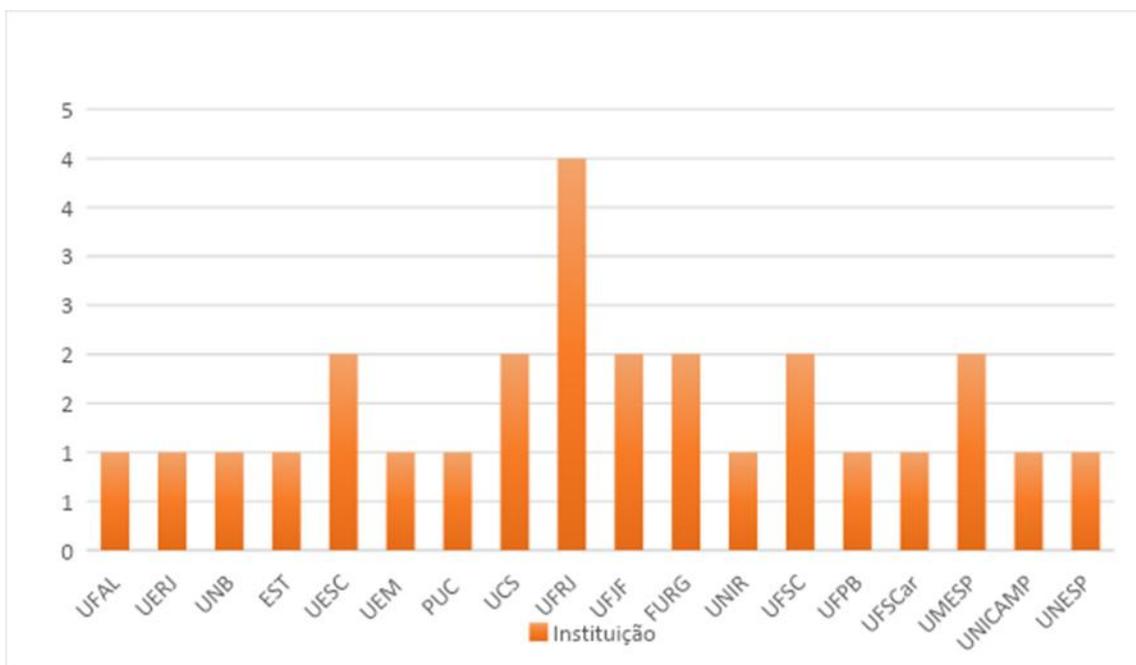
- Plataforma Sucupira da CAPES por instituição

Seguindo e aprofundando o recorte das produções por região, buscamos identificar a concentração de trabalhos por instituições.

Observamos que, dos vinte e nove (29) trabalhos encontrados, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) teve seu maior destaque na produção desses trabalhos, ao todo foram quatro (4) dos vinte e nove (29) trabalhos publicados.

Destacamos que das vinte e nove (29) Instituições de Ensino encontradas, vinte e sete (27) são públicas (Federal ou Estadual) e apenas duas (2) são privadas.

Gráfico 8 – Ecofeminismo na Plataforma Sucupira da CAPES por instituição (até 2022)

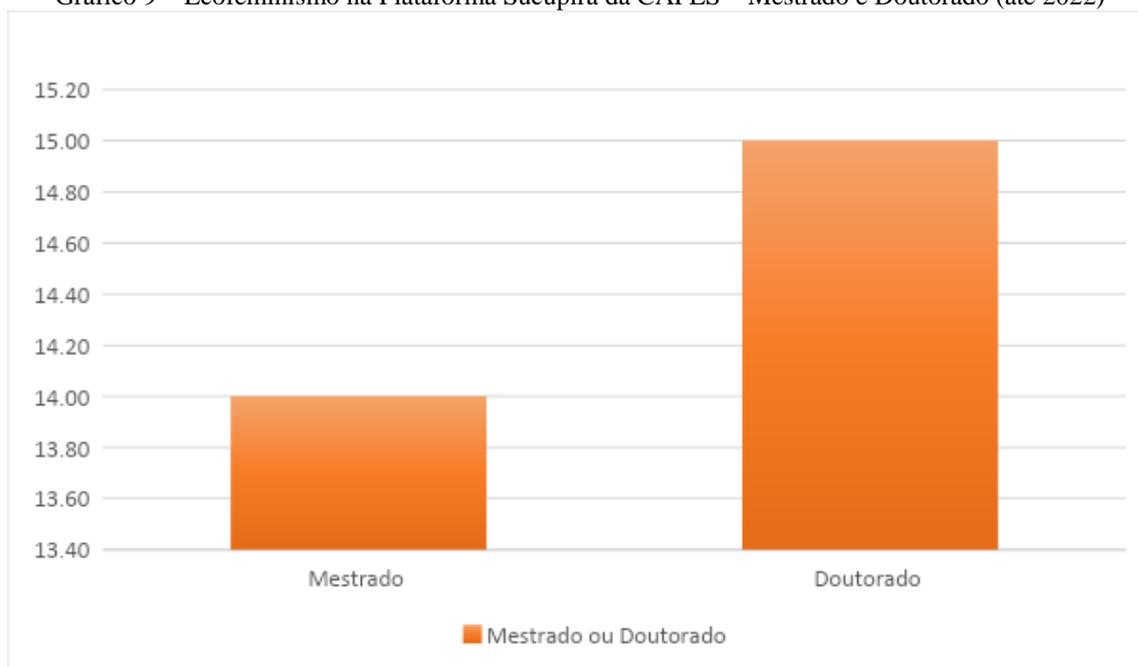


Fonte: Plataforma Sucupira da CAPES. Elaborado pelos autores

- Plataforma Sucupira da CAPES: Mestrado ou Doutorado

Dentro desses vinte e nove (29) trabalhos publicados, quinze (15) foram dissertação de Doutorado, e quatorze (14) teses de Mestrado:

Gráfico 9 – Ecofeminismo na Plataforma Sucupira da CAPES – Mestrado e Doutorado (até 2022)



Fonte: Plataforma Sucupira da CAPES. Elaborado pelos autores

Análise de resultados

Ao longo dessa pesquisa, foi identificado, ao todo, quarenta e quatro (44) textos que incluem artigos, teses e dissertações relacionadas à palavra-chave “ecofeminismo” utilizada na busca de cada base de dados. Através deste levantamento, foi possível analisar uma predominância dessas pesquisas publicadas a partir ou em Revistas vinculadas às pós-graduações de Instituições de Ensino Superior Públicas, sendo sua grande maioria Instituições de Ensino Federais localizadas na região Sul e Sudeste do país.

Considerando a origem francesa do termo “ecofeminismo” e sua disseminação entre intelectuais na Europa, é possível suspeitar que a adesão do termo para explicar fenômenos sociais que atravessem questões de gênero e ecológicas concomitantemente tenha se proliferado mais rápida e diretamente entre regiões influenciadas mais fortemente pela cultura institucional europeia. Essa constatação, entretanto, não significa em absoluto a inexistência de outras perspectivas teórico-metodológicas ou práxis que atuem na intersecção entre gênero e natureza. O referido dado revela apenas que a adesão ao termo “ecofeminismo” não expressa a totalidade de trabalhos e ações que aderem às diversas formas de atuação ecofeminista Brasil adentro, onde o “feminismo indígena”, “feminismo camponês”, “feminismo ecológico” entre outras formas de se referir às discussões imbricadas de gênero e

natureza ganham outros contornos, vozes, cores e sotaques. Destacamos que tal constatação não significa afirmar que exista uma equivalência terminológica entre as diversas maneiras de se referir à intersecção de gênero e natureza. Afinal, cada qual parte de um território distinto, o que significa dizer que epistemologicamente estão localizados em posições diferentes e, em muitos casos, adotam cosmoperspectivas diferentes para pensar e enfrentar os problemas de gênero e ecológicos.

Trata-se, portanto, de um indicativo que sinaliza para a necessidade de descolonização do ecofeminismo, tal qual expõe Oliveira e Gabry (2021, p. 22) quando, ao lado de María Lugones (2007, 2010) e Sueli Carneiro (2005), afirmam que “uma perspectiva descolonial, permite que um ecofeminismo oriundo do Sul Global paute críticas à colonialidade não identificadas pelos ecofeminismos gestados no Norte Global, resultando em uma compreensão que evidencia a centralidade do “epistemicídio” no projeto colonialista”. Da mesma forma, Rosendo et al. (2020) defenderão a necessidade de um encontro entre descolonialidade e ecofeminismo para se pensar questões próprias nos modos como as desigualdades de gênero e ecológicas organizam corpos e territórios no Sul Global, na periferia do capitalismo.

Destacamos, ainda, que os períodos em que observamos uma maior predominância de trabalhos voltados à temática ecofeminista se deu entre os anos de 2018 e 2022, onde constatamos também uma ascensão na produção de trabalhos desta temática. Foi possível, igualmente, observar uma predominância de publicações na área de Ciências Humanas voltadas para o tema do ecofeminismo, em que obtivemos sua grande maioria de pesquisas categorizadas, de acordo com a divisão pré-estabelecida pela CAPES.

Foi neste mesmo período que observamos a publicação de obras importantes voltadas para a temática ecofeminista, tais como o livro intitulado *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*, organizado por Daniela Rosendo, Fabio A G Oliveira, Tânia Kuhnen e Priscila Carvalho, publicado no ano de 2019 pela Editora Ape'Ku; e a tradução da obra *Ecofeminismo*, de Maria Mies e Vandana Shiva, publicado em 2021 pela Editora Luas. Ambos os livros ganharam destaque na literatura nacional sobre a temática ecofeminista, mobilizaram grupos de estudos em diversas universidades públicas brasileiras. Não obstante, cumpre destacar que o ano de 2023, embora não esteja dentro do recorte temporal de nossa análise, parece refletir o movimento de ascensão do debate ecofeminista no Brasil ao considerarmos as publicações das obras *Ecofeminismo e justiça ambiental: estudos em homenagem à Selene Herculano* organizada por Pedro Avzaradel, Roberta Lima e Rogério

Rocco; *Por um mundo ecofeminista decolonial: uma análise da violência contra a mulher e a natureza latinas a partir do Brasil e do Sistema Interamericano de Direitos Humanos*, de Júlia Lourenço Maneschy; a segunda edição da obra *Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista*, de Daniela Rosendo; e *Violência doméstica interespécies: contribuições para uma criminologia ecofeminista*, de Paola Hakenhaar.

Ainda, compensa destacar que ao considerar o ecofeminismo não somente uma teoria, mas uma práxis, outros trabalhos que dão destaque ao protagonismo de mulheres e outras minorias políticas atravessadas pelas desigualdades de gênero no campo do debate ecológico igualmente poderiam ser interpretados à luz do ecofeminismo. Os temas da soberania e segurança alimentar, fome e pandemia da Covid-19 foram exemplos de trabalhos que sobressaltaram nesse âmbito durante a nossa pesquisa. Optamos, entretanto, por fazer esse primeiro levantamento utilizando exclusivamente o termo “ecofeminismo” para compreender igualmente o seu uso, acionamento e predominância epistemológica da teoria ecofeminista no cenário acadêmico brasileiro.

Conclusão

Neste trabalho apresentamos um levantamento sistematizado da literatura científica sobre o ecofeminismo no Brasil entre os anos de 1999 e 2022, a partir de uma busca nos seguintes bancos de dados: Scielo e Plataforma Sucupira da CAPES. A partir da definição do que é “ecofeminismo” e da orientação metodológica de elaboração do “estado da arte”, nomeamos de “Estado da Arte Ecofeminista” os trabalhos encontrados a partir do termo “ecofeminismo”. A partir dele, foi possível identificar as produções ecofeministas considerando as seguintes categorias: Área, Instituição, Ano, Região, Mestrado e/ou Doutorado. Como resultado, observou-se que o tema da discussão de gênero e ecologia encontra-se em relativa ascensão nos últimos anos, concentrando-se tal evidência na área das Ciências Humanas. Encontramos também que há maior incidência de discussão em algumas regiões do Brasil, o que não significa que o tema ecofeminista não esteja sendo debatido em outras regiões. O que foi observado é que o uso da terminologia “ecofeminismo”, de origem francesa, tem sido mais utilizado em certas áreas e em algumas regiões do país. Tal resultado permite e convoca a pesquisa a outras importantes e necessárias interrogações críticas que refletem os paradigmas eurocêntricos das epistemologias e metodologias, bem como da própria gramática empregada pela academia no campo das discussões sobre gênero e ecologia.

Ao final do trabalho, cumpriu-se o propósito de realização de um levantamento sistematizado das produções acadêmicas nas bases de dados previamente determinadas, correspondendo ao objetivo central da pesquisa, qual seja: a elaboração de um Estado de Arte Ecofeminista no Brasil até 2022. Tal pesquisa contribui, portanto, com a construção de um panorama sistematizado dos trabalhos científicos sobre o ecofeminismo que vem sendo construído – e encontra-se em ascensão – no contexto das universidades e periódicos científicos no Brasil.

Agradecimentos

Agradecemos a todo o corpo docente, técnico administrativo e discente da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Fluminense pelo apoio para a realização da presente pesquisa. Igualmente agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela Bolsa de Iniciação Científica concedida à Karina Bragança para a realização de um projeto de iniciação científica sobre o tema do ecofeminismo.

Referências

Avzaredel, P. C. S., Lima, R. O., & Rocco, R. (Orgs.). (2023) *Ecofeminismo e Justiça Ambiental: Estudos em Homenagem à Selene Herculano*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.

Bahaffou, M., & Gorecki, J. (2020). *Le féminisme ou la mort*. (Préface). Editora: le passager clandestin.

Bottici, C. (2022). Ecofeminism as decolonial and transindividual ecology. *(Des)troços: revista de pensamento radical*, 2(2), 141–162. <https://doi.org/10.53981/destroos.v2i2>

Cândido, G. G., Redigolo, F. M., Condurú, M. T., Brito, C. N., & Silva, C. P. L. (2022). O ecofeminismo como perspectiva em pesquisas científicas. *Liinc em Revista*, 18(1), e5912. <https://doi.org/10.18617/liinc.v18i1.5912>

Carneiro, S. A. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Carvalho, P. et al. (2019). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Editora: Ape'Ku Editora.

Colacios, R. D., & Possebon, B. G. B. (2022). “O ecofeminismo em debate: teorias, ação política e educação ambiental”. In da Silva, A. J. N. (Org.). *Educação enquanto fenômeno social: Currículo, políticas e práticas*. Editora Atena.

D'Eaubonne, F.. (1974). *Le féminisme ou la mort*. Paris: Pierre Horay.

Faustino, C. (2020). “Retrocessos socioambientais e a vida nos territórios”. In Paim, E. S. (Org.). *Resistências e Re-existências: Mulheres, território e meio ambiente em tempos de pandemia* (pp. 33-34). Fundação Rosa Luxemburgo, Editora Funilaria.

Gaard, G. C. (2011). Rumo ao Ecofeminismo Queer. *Revista Estudos Feministas*, 29(3), 197-223. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/381/38118774015.pdf>

Gabriel, A. (2011). Ecofeminismo e ecologias queer: uma apresentação. *Revista Estudos Feministas*, 19(1), 167-173. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/ref/a/YmgMrWwzYDrB4Xp4fDZ8LPD/>

Gabry, T. S., & Oliveira, F. A. G. (2021). LGBTI+ e a luta pela terra: contribuições para descolonizar o ecofeminismo queer. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação*, 3(2), 14-32. Recuperado de: https://www.academia.edu/82505245/LGBTI_e_a_luta_pela_terra_contribui%C3%A7%C3%B5es_para_descolonizar_o_ecofeminismo_queer

Hakenhaar, P. (2021). *Violência doméstica interespécies: contribuições teóricas e empíricas do ecofeminismo animalista para criminologia feminista*. Recuperado de: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73485>

Lugones, M. (2010). *Towards a decolonial feminism*. *Hypatia*, New Jersey. 25(4), 742-759. Recuperado de: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1527-2001.2010.01137.x>

Maneschy, J. L. (2023). Por um mundo ecofeminista decolonial: uma análise da violência contra a mulher e a natureza latinas a partir do Brasil e do Sistema Interamericano de Direitos Humanos. In Avzaradel, P. C. S., Lima, R. O., & Rocco, R. (Orgs.). *Ecofeminismo e Justiça Ambiental: Estudos em Homenagem à Selene Herculano*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.

Rosendo, D. (2023). *Sensível ao cuidado: uma perspectiva ética ecofeminista*. 2. ed. Ape’Ku.

Mies, M., & Shiva, V. (1993). *Ecofeminismo*. Editora Luas.

Oliveira, M. et al. (2021). *A dimensão de gênero no Big Push para a sustentabilidade no Brasil: as mulheres no contexto da transformação e ecológica da economia brasileira*. New York: Fundação Friedrich Ebert Stiftung. Recuperado de: <https://www.cepal.org/pt-br/publicacoes/46643-dimensao-genero-big-push-sustentabilidade-brasil-mulheres-contexto-transformacao>

Puleo, A. H. (2017). *What is ecofeminism?*. *Environmental Science, Philosophy*. Recuperado de: https://www.iemed.org/wp-content/uploads/2021/05/What-is-Ecofeminism_.pdf

Romero, T. (2022). Mulheres são as mais prejudicadas pelas mudanças climáticas. *A Gazeta*. Recuperado de: <https://www.agazeta.com.br/artigos/mulheres-sao-as-mais-prejudicadas-pelas-mudancas-climaticas>

Rosendo, D. et al. (2020). Locus Fraturado: Resistências no Sul global e práxis antiespecistas ecofeministas descoloniais. In Dias, M. C. et al. (Orgs.). *Feminismos decoloniais: homenagem a María Lugones*. Rio de Janeiro: Ape'ku. E-book.

Rosendo, D. (2017). Ecofeminismo queer: reflexiones sobre una teoria política no binaria. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*. ano 4, 1. Recuperado de: <https://revistaleca.org/index.php/leca/article/view/124>

Sandra, N. A. F. (2022). As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, (79). Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/>

Siliprandi, E. (2007). Agroecologia, Agricultura Familiar e Mulheres Rurais. *Rev. Bras. Agroecologia*, 2(1), 845-848.

Shiva, V. (2003). *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia.

UN Women (2023). *Feminist Climate Justice: a framework for action*. New York: UN Women Headquarters Office. Recuperado de: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2023/11/feminist-climate-justice-a-framework-for-action>

i Para mais informações, ver: <https://www.agazeta.com.br/artigos/mulheres-sao-as-mais-prejudicadas-pelas-mudancas-climaticas-1122#:~:text=Durante%20a%20COP%2026%2C%20ocorrida,por%20desastres%20e%20mudan%C3%A7as%20clim%C3%A1ticas>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

ii Alguns estudos apontam, inclusive, para a correlação entre os efeitos ambientais e o aumento da violência contra as mulheres.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 11/11/2024
Aprovado em: 24/07/2025
Publicado em: 14/08/2025

Received on November 11th, 2024
Accepted on July 24th, 2025
Published on August, 14th, 2025

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Oliveira, F. A. G., & Bragança, K. S. (2025). Território Ecofeminista: semeando o Estado da Arte. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 10, e18745.

ABNT

OLIVEIRA, F. A. G.; BRAGANÇA, K. S. Território Ecofeminista: semeando o Estado da Arte. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 10, e18745, 2025.